



UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DE FEIRA DE SANTANA

ÉLCANA FERREIRA LOPES

FRANCISMARE OLIVEIRA SANTOS ARAÚJO

**OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS
CRIANÇAS AUTISTAS NA PERSPECTIVA DOS EDUCADORES**

FEIRA DE SANTANA
2021

ÉLCANA FERREIRA LOPES
FRANCISMARE OLIVEIRA SANTOS ARAÚJO

**OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS
CRIANÇAS AUTISTAS NA PERSPECTIVA DOS EDUCADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Unidade de Ensino Superior de Feira de
Santana como requisito para a obtenção
do título em licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof^a Ma. Nivia Bomfim
Queiroz Rodrigues

Coorientador: Prof^a Ma. Viviane França

FEIRA DE SANTANA
2021

ÉLCANA FERREIRA LOPES

FRANCISMARE OLIVEIRA SANTOS ARAÚJO

**OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS
CRIANÇAS AUTISTAS NA PERSPECTIVA DOS EDUCADORES**

Artigo apresentado a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso ministrado pelo (a) Professor (a) Ma. Nivia Bomfim Queiroz Rodrigues como requisito para a obtenção da licenciatura em Pedagogia da Unidade de Ensino superior de Feira de Santana.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. (a) _____

Professor Dr. (a) _____

RESUMO

O presente texto é resultado das nossas inquietações sobre os desafios e possibilidades da Educação Infantil para as crianças autistas na perspectiva dos educadores. Desta forma, o objetivo foi compreender de perto tal problemática e para isso foi realizado a revisão bibliográfica e para embasar teoricamente este artigo científico dialogou-se com os seguintes autores: FrancoI e RodriguesII (2015); LDB; Paravidini (2002) e Aiello (2002); Mantoan (1997). E logo após, foi feito um estudo de campo na Escola Minha Infância no município de Valente-Bahia. Através do estudo de campo, foi possível constatar que os casos da TEA vem aumentando nos últimos anos e a escola e os educadores necessitam estar preparados para receber esses alunos. Logo, os principais desafios é de como lidar com os autistas, visto que as diversidades são individuais e os professores precisam de formação continuada para lidar com essa realidade.

Palavras-chave: Autismo. Educação Infantil. Educadores.

ABSTRACT

This present text is the result of our concerns about the challenges and possibilities of Early Childhood Education for autistic children from the perspective of educators. In this way, the objective was to closely understand this issue and for this a bibliographical review was carried out and to theoretically support this scientific article, a dialogue was held with the following authors: Franco and Rodrigues (2015); LDB; Paravidini (2002) and Aiello (2002); Mantoan (1997). And shortly thereafter, a field study was carried out at Escola Minha Infância in the city of Valente-Bahia. Through the field study, it was possible to verify that the cases of TEA have been increasing in recent years and the school and educators need to be prepared to receive these students. Therefore, the main challenges are how to deal with autistic people, since the differences are individual and teachers need continuing education to deal with this reality.

Keywords: Autism. Child education. Educator

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. EDUCAÇÃO INFANTIL, AUTISMO E EDUCADORES	7
1.1 Breve histórico da Educação Infantil	7
1.2 O Autismo e os educadores	9
2. METODOLOGIA	13
3. DADOS DA PESQUISA.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	21

INTRODUÇÃO

Sabe-se que um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinções, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às necessidades educacionais dos alunos. Sob esse viés, é válido salientar que os alunos com autismo manifestam peculiaridades diversas que comprometem, desde as suas relações com outras pessoas até a sua linguagem, necessitando de apoio no seu processo de ensino-aprendizagem.

E diante dessa perspectiva, Santos (2008) afirma que a escola tem papel importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de interação social da criança separada de seus familiares. É onde a criança vai ter maior dificuldade em se adaptar às regras sociais, o que é muito difícil para um autista.

Em razão disso, o professor deve desenvolver metodologias de aprendizagem para que o aluno autista consiga se comunicar e se desenvolver. O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu desenvolvimento e potencial, com a sua idade e com o seu interesse. A aprendizagem é o principal objetivo a ser alcançado, e sua continuidade é muito importante, para que eles se tornem independentes. Assim, trabalhar com alunos autistas exige o desenvolvimento de práticas e estratégias pedagógicas que acolham todos e respeitem as diferenças.

Nesse sentido, o presente trabalho, é de cunho qualitativo, no qual tem o objetivo de investigar os desafios e possibilidades da Educação Infantil para as crianças autistas na perspectiva dos educadores, a partir da utilização de sequências didáticas. Para tal, foi realizado um estudo de campo para conhecer a relação educador/educando e os aspectos pedagógicos facilitadores do ensino-aprendizagem. Este artigo científico está dividido em três sessões:

Na primeira seção, com o título “Autismo, Educação Infantil e educador” , apresenta-se a base teórica da pesquisa, a partir dos estudos em que trazem a definição, os objetivos da Educação Infantil, a interpretação e resolução do autismo. Assim, refletiu-se sobre os direitos da aprendizagem nessa etapa, interpretou-se sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e algumas particularidades do educador.

A segunda seção, nomeada de “Percurso metodológico”, destaca-se a metodologia adotada nessa investigação: pesquisa de campo. Assim, apresenta a

delimitação do campo de estudo, a Escola Minha Infância, no município de Valente-Bahia.

A terceira seção, “Dados da pesquisa” tem como principal temática a apresentação e a análise dos dados obtidos através das pesquisas e estudos realizados.

1. EDUCAÇÃO INFANTIL, AUTISMO E EDUCADORES

1.1 Breve histórico da Educação Infantil

Segundo a BNCC, no Brasil, até a década de 1980 era utilizada a expressão “pré-escolar” para se dirigir ao entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior, independente e preparatória para a escolarização, que só teria seu começo no Ensino Fundamental, ou seja, ficava fora da educação formal.

Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade torna-se dever do Estado e assim com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Dessa forma, a partir da modificação constante na Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, introduzida na LDB, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero à 5 anos, sendo considerada a primeira etapa da Educação Básica e a entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos-familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo.

Sob essa linha de raciocínio, Brasil (2017, p.36) relata que:

as creches e pré-escolas, ao acolherem as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente familiar e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens atuando de maneira complementar à educação familiar.

Nesse sentido, na fase da Educação Infantil o cuidar e o educar são indispensáveis e no processo educativo é essencial a prática do diálogo e da participação da família de maneira assídua na vida escolar da criança, tanto para acompanhar o que está acontecendo, como para trocar experiências e conhecimentos.

Brasil (2009 p.12), define a criança da seguinte maneira:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Ainda de acordo com Brasil (2009 p.37), os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa fase são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de saberes por meio de suas ações e interações com seus colegas e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento, socialização e autonomia.

Sendo assim, seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. Os direitos são conviver, brincar, participar, explorar, conhecer-se e expressar.

Considerando o que foi mencionado, conforme Brasil (2017 p.40) a organização curricular da Educação Infantil está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências são:

o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, gestos e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações e assim constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

Seguindo dessa premissa e adentrando no contexto do educador, o mesmo deve ter uma preocupação específica de como lidar com as crianças no dia a dia e em situações especiais, pois ao se tratar de alunos iniciantes no convívio escolar

surgem episódios diferentes e inesperados em relação às demais fases escolares. A criança tem um jeito próprio de encarar as novas etapas que vão surgindo em sua vida.

1.2 O Autismo e os educadores

A inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar é um tema que ganhou espaço na educação e pode-se considerar que o mesmo sempre fará parte das realidades educacionais, é importante ressaltar que o educador é uma das peças fundamentais para superar as desigualdades. Ao mesmo tempo em que a inclusão se faz de extrema importância para que haja uma sociedade mais justa, também se mostra bastante desafiadora, um dos grandes desafios é a capacitação dos educadores para fornecerem o suporte que a criança necessita. É necessário que além de receber o educando com TEA, o docente conheça as peculiaridades individuais.

Receber uma criança autista numa sala de aula regular implica dizer que não é responsabilidade apenas o educador estar apto para exercer sua função de forma diferenciada, cabe citar que o ambiente escolar que se considera inclusivo deve proporcionar ao educador todo apoio necessário para que a inclusão de fato ocorra. Isso significa que a prática do professor deve ser flexível e a escola precisa disponibilizar os recursos necessários para que a aprendizagem do educando autista de fato se concretize.

Segundo Santos (2008, p.30),

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo PEP-R, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas.

Sabendo que o autismo é um transtorno no desenvolvimento neurológico que se manifesta na infância, o olhar diferenciado do educador para com os educandos portadores do TEA é o que tornará possível o avanço na aprendizagem de acordo com suas possibilidades. Desta forma o profissional estará contribuindo para que a inclusão garantida por lei realmente aconteça.

Considerando o que prevê a Constituição Federal de 1988, no que diz respeito à “educação como direito inalienável”, a presença da criança do adulto, jovem ou idoso na escola, independente de gênero, pertencimento étnico ou ainda condição física, psíquica e/ou motora, que deve ser garantida pelos poderes públicos. Nesse sentido é possível receber pessoas com deficiência, transtornos e é função da escola assisti-las.

Segundo o *American Psychiatric Association* (2014, s.p), o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos. O transtorno do Espectro Autista tem essas três características que são essenciais para o diagnóstico e ainda que os sintomas variem de caso a caso, esses elementos são determinantes para realizar o diagnóstico, pois antes dos três anos de vida os sinais de TEA já podem ser percebidos, porém muitas crianças ainda são diagnosticadas tardiamente, seja por desinformação ou resistência da família e dos médicos.

De acordo com Kanner apud Menezes (2012, p. 37):

A nova classificação do DSM-V trouxe mudanças significativas nos critérios diagnósticos do autismo, ampliando a identificação de sintomas e com uma ênfase na observação do desenvolvimento da comunicação e interação social da criança. Assim, o autismo não tem causa definida e algumas características são bem gerais e marcantes, como a tendência ao isolamento, a ausência de movimento antecipatório, as dificuldades na comunicação, as alterações na linguagem, com ecolalia e inversão pronominal, os problemas comportamentais com atividades e movimentos repetitivos, a resistência a mudanças e a limitação de atividade espontânea. Bom potencial cognitivo, embora não demonstrassem. Capacidade de memorizar grande quantidade de material sem sentido ou efeito prático. Dificuldade motora global e problemas com a alimentação.

Argumenta-se que o TEA pode vir acompanhado de outros distúrbios, como depressão, epilepsia e hiperatividade. Apresenta-se em graus variados, desde os mais severos (em que a pessoa não fala, não olha, não mostra interesse algum no outro) desde os mais leves, chamado de alto funcionamento (falam, são capazes de acompanhar estudo normal, desenvolver-se em uma profissão, criar vínculos com outras pessoas). A incidência do TEA tem aumentado de forma significativa nos tempos atuais. Paravidini (2002) e Aiello (2002) ressaltam a importância da identificação dos sinais de TEA já nos primeiros anos de vida da criança para que ela possa ser exposta a um tratamento eficaz, focado na redução de prejuízos e estimulação de comportamentos alternativos, envolvendo os diversos ambientes e os

esforços de todos os diretamente envolvidos (família, professores, gestores e profissionais de saúde).

Como mencionado, é na educação infantil que são trabalhados diferentes aspectos que contribuem para o desenvolvimento global do indivíduo. Dessa forma, para as crianças com autismo, a escola, os professores e a família podem contribuir de forma significativa para melhorias notáveis em seu comportamento.

Na Educação Infantil, conta-se com a prática dos docentes em relação ao trabalho com crianças com necessidades especiais, no qual se torna imprescindível o conhecimento dos professores de Educação Infantil sobre o Transtorno do Espectro Autista, as características precoces da patologia, bem como da necessidade de capacitação dos mesmos.

Para Franco e Rodrigues (2015, s.p), as questões referentes à escolarização desses alunos demandam da escola adaptações de currículo e outras adequações necessárias a partir do conhecimento, pelos profissionais da escola, das características deste transtorno, pois para a criança autista, atualmente, o tratamento mais eficaz e universal é a educação, que tem neste contexto os mesmos objetivos gerais que a educação para todas as crianças: desenvolvimento máximo de suas possibilidades e competências, favorecer um equilíbrio pessoal mais harmônico possível, promover o bem-estar emocional e aproximar as crianças autistas do mundo humano de relações significativas.

O educador necessita estar ciente que o trabalho com essas crianças é um processo contínuo, demorado e paciente, até mesmo porque uma das características do TEA é a falta de atenção, pois a mesma está sempre comprometida, e para o professor atrair a atenção do aluno, é necessário lançar mão de recursos didáticos, conseguindo então trabalhar e desenvolver-se com ele, tanto na parte social, quanto na parte motora. Usar atividades lúdicas, como por exemplo, brincadeiras que prendam a atenção dessas crianças, jogos estimulando a coordenação motora e envolvendo a interação social, junto com a ajuda dos seus colegas de sala, visando em algo que o faça interagir no meio em que elas estão inseridos.

Segundo Junior (1995, s.p):

Quanto mais significativo para a criança forem os professores, maiores serão as chances dela promover novas aprendizagens, ou seja, independente da

programação estabelecida, ela só ganhará dimensão educativa quando ocorrer uma interação entre o aluno autista e o professor.

Uma criança aprende de forma natural e espontânea, por meio de brincadeiras que envolvam pais, colegas e professores no ambiente escolar, onde possam adquirir habilidades e criarem vínculos de amizade. O professor tem que estar ciente das diferenças de cada aluno, de que as crianças estão ali para aprender e não apenas para ter uma socialização, pois também são capazes de adquirir múltiplos conhecimentos. Para um autista é necessário que seja explicado a função dos objetos, devido a terem dificuldade de compreendê-los. Não é sempre que uma criança vê uma bola e de imediato quer chutá-la; é possível criar estereótipias e formas incomuns de manuseio.

Os autistas têm a visão e tato com elevada sensibilidade e às vezes não suportam locais com barulhos, pois acabam se assustando. Mas, na maioria das vezes, são atraídos por algum ruído, ficam presos a algo presente no ambiente. Devido a isso é necessário que se fale baixo e seja mantido sempre um ambiente tranquilo. Porém, sempre há algo que fica fora do controle do professor. Cabe ao mesmo tranquilizar seu aluno, distraíndo sua atenção para outras atividades, podendo ser atividades pedagógicas.

Para um autista nada é simples de compreender, tudo precisa de objetivo e função. No ambiente escolar atuação de profissionais capacitados é fundamental, pois muitos casos de autismo é percebido no espaço escolar, é preciso haver afeto, atenção e estímulos para conduzir o discente na sua aprendizagem. Com a união da escola, profissionais e família é possível proporcionar um ambiente escolar de qualidade e incentivar o desenvolvimento educacional das crianças com autismo.

A compreensão do TEA é fundamental para a desestigmatização do transtorno e do entendimento, do modo de ser e de viver da pessoa autista, além de auxiliar no diagnóstico precoce. Houve diversos avanços de comunidades científicas, principalmente da área de Saúde, no que tange a investigações acerca do transtorno do espectro autista. Entretanto, a sociedade ainda carece de conhecimento acerca desses avanços tornando-se fundamental a realização de cursos e experiências que promovam o conhecimento sobre TEA e a conscientização acerca do transtorno.

O objetivo é que as escolas possam garantir educação de qualidade para todas as crianças, independentemente de suas condições. Para a família não é tarefa fácil encontrar instituições que possam proporcionar as condições necessárias para o atendimento à criança com autismo e a escola também deve buscar as regularizações necessárias e profissionais qualificados para garantir o direito à educação.

2. METODOLOGIA

É de conhecimento geral que a palavra metodologia é uma derivação da palavra “método”, a qual, o significado tem origem latina e diz respeito ao “caminho ou via para realização de algo”. Já a palavra “metodologia”, consiste no campo que estuda os melhores métodos praticados. Trazendo para um contexto mais simples, a metodologia é a descrição do processo de pesquisa, a definição de quais procedimentos serão utilizados para a coleta e para a análise dos dados levantados.

Partindo da concepção de que método é um procedimento ou caminho para alcançar determinado fim e que a finalidade da ciência é a busca do conhecimento, pode-se dizer que o método científico é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento.

Diante dessa perspectiva, o estudo de campo ou a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. A natureza da pesquisa caracteriza-se como aplicada, pois consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

As fases do estudo de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma revisão bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para sabermos em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo passo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência,

da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e na elaboração do plano geral da pesquisa.

Em segundo lugar, de acordo com a natureza da pesquisa, determina-se as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na definição da amostra, que deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões. E, por último, antes que se realiza a coleta de dados, é preciso estabelecer as técnicas de registro desses dados como também as técnicas que serão utilizadas em sua análise posterior. Assim, “o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação.” (GIL, 2008, p. 57).

Partindo dessa premissa, a metodologia de abordagem qualitativa mais adequada para a construção da presente pesquisa, foi o estudo de campo, cujo objetivo foi investigar os desafios e possibilidades da Educação Infantil para as crianças autistas na perspectiva dos educadores.

As etapas foram as seguintes:

1. Levantamento bibliográfico sobre as categorias analíticas: autismo, educação infantil e educadores, no qual foram encontrados os seguintes autores: Kanner apud Menezes (2021, p. 37); Paravidini (2002) e Aiello (2002); e outros que relatam sobre a TEA e as categorias pesquisadas, sendo estudados 13 artigos.

2. Estudo de campo realizado no ambiente educacional da Escola Minha Infância, no município de Valente-Bahia, no qual foi entrevistada a professora Rosa., graduada em Pedagogia e que atua na área há 8 anos, bem como uma fonoaudióloga Margarida.

As etapas posteriores constituíram-se: 3. Estudo de campo e análise de dados; 4. Construção das considerações finais; 5. Construção da introdução; 6. Elaboração final do trabalho.

3. DADOS DA PESQUISA

Diante dos trabalhos realizados para dissertar a respeito do tema Os desafios e possibilidades da educação infantil para as crianças autistas na perspectiva dos educadores, como entrevistas, observações e análise literária, e principalmente

utilizando como base pessoas com conhecimentos a respeito do trabalho docente, pode-se afirmar que é possível contribuir na aprendizagem das crianças que apresentam TEA. O que se percebe é que a educação tem evoluído bastante nos últimos anos e com isso novos métodos e técnicas vem proporcionando vantagens para educadores e as crianças com o transtorno citado.

Outro ponto de grande relevância para o melhor desempenho de crianças autistas é o empenho dos educadores na busca por conhecimento a respeito do transtorno, qualificação e inovação nas aulas ministradas. A análise de artigos bem embasados teoricamente foi de fundamental importância para dar veracidade as descrições feitas aqui, deixando claro que apesar dos desafios enfrentados pelos educadores, família e pela própria criança com TEA, é possível ajudar no desenvolvimento, respeitando acima de tudo o limite da criança.

Confirma-se então, que para contribuir com a aprendizagem das crianças é necessário além do conhecimento a respeito da dificuldade, encurtar os laços dentro do ambiente escolar e proporcionar diferentes oportunidades, desta forma a criança vai se identificando no contexto e dando significado ao que está vivenciando, o que é fundamental para seu desenvolvimento.

A presente pesquisa aplicada foi realizada na Escola Minha Infância, que faz parte da rede privada de ensino do município de Valente-Bahia e possui 29 anos de fundação. Assim, tendo em vista esses propósitos, foi elaborado um questionário para a educadora entrevistada contendo 10 questionamentos diretamente ligados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e à experiência da mesma em sala de aula, bem como um questionário para a fonoaudióloga contendo 7 perguntas relacionadas ao autismo.

Sob esse viés, a primeira entrevistada foi a professora, carinhosamente citada aqui com o pseudônimo Rosa, com 32 anos de idade e que atua há 8 anos como docente. A mesma é graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia e em Neuropsicopedagogia. Na sala onde está profissional atua, uma turma do grupo 2 (alunos com 2 anos), possui 1 discente com diagnóstico de TEA e outros com traços, em observação.

A entrevistada Rosa relatou que tem conhecimento com o assunto em questão, na medida do possível e a partir da observação, haja vista que esse transtorno possui características perceptíveis já na infância, pois compromete a comunicação,

aprendizagem e interação social e, devido à necessidade de atender aos aprendentes com autismo fez-se necessário realizar alguns estudos direcionados à temática. Afirmar, a professora citada, que ter um aluno com TEA na turma requer a busca constante por readaptações e estratégias conforme as peculiaridades manifestadas por cada um, de modo a permitir e manter uma rotina previsível diária, respeitando o tempo e as devidas limitações.

É possível perceber que a ideia da educadora citada anteriormente está condizente com a defesa da criança citada nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, pois tendo em vista que a criança é capaz de produzir sua identidade, dentro desse processo, de forma gradativa e individual a aprendizagem vai acontecendo.

A respeito dos recursos, a mesma ressaltou que procura utilizar recursos estratégicos visuais, sensoriais e que despertem o interesse dos mesmos durante as aulas e que o aluno autista desenvolva as atividades propostas através dos direcionamentos físicos e cognitivos desenvolvidos conforme a necessidade do indivíduo.

Logo, a sua comunicação com a criança é feita através da flexibilidade de identificação, onde é possível descobrir a melhor maneira de manter o contato com a criança e, a partir disto, investir nas melhores estratégias, pois, segundo a educadora, os maiores desafios que encontrados ao trabalhar com as crianças autistas é em relação aos estímulos, estratégias e nas intervenções de modo a superar os desafios e contemplar as habilidades e desenvolvimento, além da necessidade de ter, na escola, profissionais capacitados e capaz de sugerir estratégias e ações diárias de como lidar com os discentes.

Como afirma Santos (2008, np), a criança que apresenta TEA possui um modo bem característico e lento de aprender, entende-se dessa forma que a aprendizagem acontece. O autor reforça assim que a atenção e os cuidados necessários para o desenvolvimento da criança passam a ser responsabilidade do educador.

No quesito de como a mesma lida com os maiores desafios que encontra em trabalhar com as crianças com a TEA, relata que se mantém constantemente capacitada para atender as diversidades individuais de cada autista, já que existem características bem distintas e a aprendizagem desses alunos, bem como a avaliação é feita através de observações e análises do comportamento em grupo, individual e

durante as atividades, pois o transtorno se caracteriza por diferentes graus de acometimento, podendo ser do leve até o elevado, o que irá mudar nas características de comportamento e desenvolvimento. Diz ainda que sempre que percebe algo característico ou atípico de autismo comunica à direção escolar e à coordenação pedagógica, pois o desenvolvimento das estratégias para o aluno autista requer olhares multidisciplinares que contemplem suas habilidades, haja vista que o ritmo de assimilação do conhecimento e desenvolvimento acontece com menor intensidade.

É com base nessa diferença no que diz respeito a aprendizagem que o compromisso e carinho do educador se torna fundamental, reforça isso as palavras de Junior (1995, s.p), quando afirma que o vínculo entre educando e educador favorece a aprendizagem.

Partindo dessa premissa, a segunda entrevistada foi a fonoaudióloga, nomeada nas descrições como Margarida de 33 anos de idade e que atua há 10 anos nessa profissão. Esta é bacharel em fonoaudiologia, especialista em Saúde Pública e pós-graduanda em Autismo. Relatou, nesta entrevista, que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por prejuízos significativos na comunicação social e por padrões de comportamento restritos e repetitivos, e que atualmente entende-se que o autismo se apresenta de forma e intensidade distintas, por isso chamado de TEA. A mesma relata, ainda, que existem vários graus de autismo, embora seja bem amplo e que, agora, o autismo tem uma escala definida de avaliação baseada no nível de dependência da pessoa.

A entrevistada Margarida informou que não existe um exame para detectar o transtorno e que o diagnóstico é apenas clínico. Isso significa que para certificar se uma pessoa é autista, é preciso observar seu comportamento e analisar informações coletadas com as pessoas que convivem com o mesmo, com o auxílio de questionários protocolados.

A nova classificação do DSM - V (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), trouxe mudanças significativas nos critérios diagnósticos do autismo, ampliando a identificação de sintomas e com uma ênfase na observação do desenvolvimento da comunicação e interação social da criança. Todo este processo é delicado e, por isso, é necessário ser realizado por profissionais capacitados. O tipo de profissional vai variar de acordo com a idade da pessoa a ser avaliada. No caso de crianças, seria indicado neuropediatra ou psiquiatra infantil. No caso de adolescentes

e adultos, neurologista ou psiquiatra. O diagnóstico final, no entanto, precisa ser validado por esses profissionais.

A fonoaudióloga entrevistada narra, ainda, que por não se tratar de uma doença, o autismo não tem cura. No entanto, existem intervenções que podem ajudar em questões específicas como a reabilitação intelectual ou um melhor desenvolvimento de questões de linguagem, por exemplo, e que o tratamento precoce é importante, visto que as crianças com diagnóstico de TEA apresentam alterações no seu desenvolvimento que trazem dificuldades em diferentes áreas. Essas alterações começam muito cedo no TEA, podendo ser observadas até mesmo em bebês.

Os primeiros anos de vida são muito importantes, pois nesse período o cérebro da criança absorve muitas informações e se desenvolve rapidamente. Cada experiência vivida afeta as ligações cerebrais e constrói novos circuitos, o que leva à formação de novas habilidades. Por esse motivo, intervenções que proporcionem estímulos precocemente demonstram excelentes resultados e ampliam a capacidade de aprendizagem das crianças com autismo, melhorando a atenção, a comunicação, a interação social, a sensibilidade a estímulos e comportamentos inapropriados. A intervenção precoce deve ser estabelecida em conjunto com os profissionais de saúde, escola e família, para que seja possível a construção de um modelo que permita o desenvolvimento de estratégias sincronizadas e adequadas para as necessidades de cada criança

A fonoaudióloga descreve que meninos e meninas não possuem as mesmas chances de desenvolver o transtorno, haja vista que o gênero masculino tem maior risco de distúrbios no desenvolvimento neurológico, como por exemplo, o autismo. Um estudo analisando milhares de casos demonstrou que o motivo da diferença está na genética e que um dos principais sinais do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é o atraso na fala. A realidade observada ratifica este depoimento considerando que na turma no qual a pesquisa foi realizada a criança que apresenta TEA é menino.

Continuando, Margarida afirma que a inclusão de portadores do autismo promove novos desafios. É fundamental conhecer cada aluno mantendo uma comunicação aberta com a família e com os profissionais que atendam a criança fora da escola. A primeira dica é jamais adotar a mesma forma de avaliação para todos os alunos. É preciso respeitar os limites que cada um apresenta, devendo-se ter um olhar

minucioso quanto às habilidades e à percepção que os estudantes apresentam. A princípio, as escolas acreditavam que a aplicação de avaliações, como provas, era a melhor forma encontrada para medir conhecimentos. No entanto, estudos revelam que o efeito é contrário, ou seja, não serve para mensurar o quanto a criança aprende.

A referida profissional considera que o principal desafio enfrentado ao trabalhar com crianças autistas está no tocante ao comportamento, por ser uma das áreas que possui desenvolvimento atípico em indivíduos com autismo. O manejo de comportamentos atrelados à recusa em fazer atividades/seguir rotinas e regras é o maior desafio na intervenção. Outro desafio é a continuidade da intervenção em casa, pois a mesma entende que a intervenção necessita de treino e o papel da família é fundamental nesse processo. Muitas vezes a criança não tem uma rotina organizada e não realiza os treinos de algumas habilidades, o que, muitas vezes, prejudica o seu desenvolvimento. A fonoaudióloga observa, também, que a falta de conhecimento dos profissionais da saúde e educação em relação ao autismo, prejudica o avanço dessas crianças. Seja o olhar do pediatra no diagnóstico precoce, da professora da educação infantil ou também dos outros profissionais da educação, mesmo quando a criança já apresenta o diagnóstico.

A mesma relatou que inclusão social das crianças com transtorno do espectro do autismo no ambiente escolar é uma realidade, apesar da falta de conhecimento dos educadores frente à inclusão, apesar do acesso de alunos com TEA no ensino comum já se configurar como uma realidade crescente no país. Em virtude do recente Decreto da Lei 12.764 (BRASIL, 2012) que, formalmente, caracteriza o autismo como deficiência e proíbe a recusa de matrículas para crianças com esse transtorno no ensino comum, o número de crianças com TEA incluídas nas escolas tende a aumentar. Além disso, o TEA já não é mais classificado como um transtorno raro e trazemos a luta também como fundamental nesse processo de inclusão. É preciso existir pais que lutem para incluir, professores que lutem para estudar, diretores que lutem para adaptar o espaço, secretários que lutem para contratar profissionais de apoio ou mediadores escolares. A luta sempre vai existir e faz parte da inclusão.

Pois, quando se fala de autismo, cita-se que existem muitas lutas de profissionais para entender o cérebro dessas crianças, porque cada ser é único. A inclusão precisa começar na sensibilidade, com empatia e com conhecimento. No olhar profissional da fonoaudióloga Margarida, esses são pontos fundamentais, pois

nota-se que muitas escolas não estão preparadas, assim como muitos educadores. Mas a partir do momento que a escola recebe uma criança com qualquer tipo de dificuldade, limitação ou deficiência, precisa olhar para a mesma com maior sensibilidade. Estudar a criança, avaliar as suas potencialidades e verificar as habilidades comprometidas, bem como as suas competências. Com sensibilidade e conhecimento é possível conseguir transformar a realidade das escolas, podendo assim, alicerçar o desenvolvimento cognitivo e afetivo do autista.

Logo, os resultados apontam que a necessidade de proporcionar atividades de formação continuada que sejam menos gerais e mais focadas nas necessidades dos professores, sobretudo quanto aos aspectos comportamentais (como lidar) e pedagógicos (como ensinar e avaliar), visto que é algo recorrente, atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse trabalho de Conclusão de Curso referente aos Desafios e possibilidades da Educação Infantil para as crianças autistas na perspectiva dos educadores, pode-se dizer que a educação é um dos melhores métodos para que uma criança com TEA se desenvolva. Mesmo sabendo que essas crianças são asseguradas por inúmeras leis, infelizmente as instituições de ensino não estão efetivamente consolidadas com uma boa estrutura e profissionais qualificados, o aluno precisa de olhar diferenciado, de um ambiente adequado, de profissionais sensíveis, para que assim ele possa desenvolver suas habilidades.

Através de uma pesquisa realizada na Escola Minha Infância, foi constatado que a escola é inclusiva, não somente no seu espaço, mas na inclusão em salas de aula. Os professores sempre buscam acolher as crianças com TEA, respeitando as especificidades de cada aluno inserindo-o neste ambiente.

É importante frisar, entretanto, que os estudos realizados possibilitaram a compreensão a respeito do comportamento das crianças autistas, suas limitações, desafios enfrentados pela escola e família e a importância do empenho do educador para que o desenvolvimento ocorra. Nesse sentido vale ressaltar, como afirma os teóricos citados ao longo do trabalho, que o que vai realmente fazer diferença na vida

das crianças autistas é o educador, com seu olhar crítico e construtivo sobre a situação.

Conclui-se então que as dificuldades existem, mas acima delas há possibilidades, e estas são diretamente proporcionadas pelo educador, para além das leis que amparam a inclusão da criança autista na escola regular, o avanço só acontecerá se o educando reconhecer o ambiente como algo significativo para ele. Este direcionamento pode ser feito através de uma relação mais atenciosa do professor-aluno.

Enfim, constata-se que é possível integrar a criança ao ambiente escolar, sendo que o educador tem toda responsabilidade, ele passará a ser o estimulador da criança, possibilitando a ela de forma gradual, continua e diversificadas, meios para que o conhecimento vá se formando, superando assim os desafios existentes, desenvolvendo na criança autoconfiança e independência.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular-2017.**A etapa da Educação Infantil. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-objetivos-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-para-a-educacao-infantil>. Acesso em: 20 set.21.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica-2009.** Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 13 out. 21.

BRASIL, **Lei nº 11.274 de 06 de fevereiro de 2006.** Disponível em:
<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11274&ano=2006&ato=ab5ATWE5kMRpWTaa5>. Acesso em: 12 out. 21.

CAIADO, Elen Campos. **A atuação do professor de Educação Infantil.** Disponível em: <https://educador.brasilescola.uol.com.br/orientacoes/a-atuacao-professor-educacao-infantil.htm>. Acesso em: 20 set.21.

CASTRO, Ana Cristina. GIFFONI, Silvyo David Araújo. **O conhecimento de docentes de educação infantil sobre o transtorno do espectro autístico.** Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862017000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 set. 21.

DSM-5 e o diagnóstico no TEA. Disponível em:
<https://institutoneurosaber.com.br/dsm-5-e-o-diagnostico-no-tea/>. Acesso em: 21 set. 21.

Educação especial: autismo. Disponível em: [Apostila-Educacao-Especial-Autismo-2020.pdf](#). Acesso em: 13 out. 21.

FRANCO, Carine Ramos de Oliveira. RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. **Conhecimento dos profissionais de Educação Infantil sobre o transtorno do espectroautista.** Disponível em:
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/13339/11221>. Acesso em: 21 set. 21.

FREITAS, Ernani Cesar. PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2º edição.** Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul – Brasil. 2013.

LEANDRO, Leonésia. SHAW, Gisele Soares Lemos. OLIVEIRA, Rafaela Rocha. **Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista.** Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-51622021000200017&lang=pt. Acesso em: 21 set.21.

MENDES, Guilherme. **O que é Metodologia? Qual a importância?** Disponível em: <https://www.fm2s.com.br/metodologia/>. Acesso em: 19 out. 21.

OLIVEIRA,Francisco Lindoval. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista.** Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 21 set.21.

SANINI, CLAÚDIA. BOSA, Cleonice Alves. **Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PP69msMBkjDSYw4svd3v3bM/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 21

SANTOS, A. M. T. dos. **Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar.** In BARBOSA, Amanda Magalhães, Kesia Natália, NOGUEIRA, Ruth Kesia Silva,ZACARIAS, Jaqueline da Cruz. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios de Aprendizagem). Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>. Acesso em: 15 Maio. 2013. Acesso em 06 de novembro, às 18:26.